

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

RAPHAEL ELEAZAR MÜLLER

**LITERATURA NA ERA DIGITAL: ASPECTOS DESTACADOS E SUA
RECEPÇÃO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

RAPHAEL ELEAZAR MÜLLER

**LITERATURA NA ERA DIGITAL: ASPECTOS DESTACADOS E SUA
RECEPÇÃO**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



TERMO DE APROVAÇÃO

Literatura na era digital: aspectos destacados e sua recepção

Por

RAPHAEL ELEAZAR MULLER

Monografia apresentada às 08:25, do dia 18 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

MARCELO FERNANDO DE LIMA
UTFPR - Curitiba
(orientador)

Maurini de Souza
UTFPR - Curitiba

Nivea Rohling
UTFPR - Curitiba

AGRADECIMENTOS

A instituição, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, pela oportunidade desta Especialização.

A meus pais Maurício e Clarice, pelo apoio, empreendendo muitos esforços para que eu pudesse estudar.

Aos amigos desta Especialização, que ajudaram a compreender melhor o universo da Educação.

Ao Professor Dr. Marcelo Fernando de Lima pela sua dedicação, na orientação e correção.

A todos professores, que foram para mim exemplo de dedicação e doação.

RESUMO

MÜLLER, Raphael Eleazar. **Literatura na Era Digital: Aspectos Destacados e sua Recepção**. 2018. 32 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) - Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Esta pesquisa apresenta uma abordagem do livro físico tradicional e o livro em seu formato digital e a forma como eles se relacionam. O objetivo deste trabalho foi verificar como a Internet pode favorecer autor e leitor diante desta nova ferramenta e seus pontos de destaque. A pesquisa consiste em um trabalho descritivo de revisão bibliográfica de abordagem teórica da pesquisa e documental, o que vem sendo debatido no âmbito de Literatura na era digital. São abordados o conceito de Internet e sua plataforma digital, seguido da abordagem dos pontos destacados da Literatura no computador e a transformação do livro tradicional físico para o universo digital. Os resultados mostram que a Internet favorece de forma positiva tanto aqueles que escrevem um texto digital, como os que fazem suas leituras nesta plataforma, um espaço democrático para se expressar, que pode acrescentar ao objeto-livro tradicional já consagrado novos caminhos.

Palavras-chave: Espaço Virtual. Leitura. Livro. Literatura digital.

ABSTRACT

MÜLLER, Raphael Eleazar. **Literature in the Digital Age: Highlights and its Reception.** 2018. 32 f. Monograph (Specialization in Teaching Portuguese Language and Literature) - Academic Department of Language and Communication, University Technological Federal of Paraná. Curitiba, 2018.

This research presents a traditional physical book approach and the book in its digital form and the way they relate. The objective of this work was to verify how the Internet can favor author and reader before this new tool and its highlights. The research consists of a descriptive work of bibliographical revision of theoretical approach of research and documentary, which has been debated in the scope of Literature in the digital age. The concept of the Internet and its digital platform are approached, followed by the approach of the highlights of Literature in the computer and the transformation of the traditional book into the digital universe. The results show that the Internet positively favors both those who write a digital text and those who make their readings on this platform, a democratic space to express themselves, which can add to the traditional book object already consecrated new paths.

Keywords: Virtual Space. Reading. Book. Digital Literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARPA	- Agência de Projetos de Pesquisa Avançada
ARPANET	- Agência de Pesquisas em Projetos Avançados
CERN	- Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear
DARPANET	- Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa
EUA	- Estados Unidos da América
HTML	- Linguagem de marcação de hipertexto
HTTP	- Protocolo de Transferência de Hipertexto
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBM	- Máquinas de Negócios Internacionais
KDP	- Publicação Direta do Kindle
MILNET	- Rede Militar
NASA	- Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço
NSF	- Fundação Nacional de Ciências
NSFNET	- Rede Nacional de Fundações Científicas
TCP/IP	- Protocolo de Controle de Transmissão/ Protocolo de Internet
UCLA	- Universidade da Califórnia em Los Angeles
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UIT	- União Internacional de Telecomunicações
URSS	- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAF	- Força Aérea dos Estados Unidos
WWW	- Rede mundial de computadores

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A INTERNET E O VIRTUAL.....	11
2.1	História da Internet.....	11
2.2	Conceito de Internet.....	13
2.3	Plataforma do Espaço Virtual.....	14
2.4	Revolução da Escrita.....	15
3	O LIVRO E A LITERATURA.....	16
3.1	Significado Cultural do Livro.....	16
3.2	Literatura e o Computador.....	17
3.3	Fim do Livro Físico.....	20
3.4	Texto e o Hipertexto.....	20
3.5	Criação Poético-Digital.....	22
4	TRANSFORMAÇÃO DIGITAL.....	24
4.1	Autor, Leitor e a Nova Textualidade.....	24
4.2	Perfil do Leitor e Sua Recepção.....	25
4.3	Potencial Pedagógico.....	27
4.4	O Mercado Atual.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar como o livro físico e o livro digital se relacionam, favorecidos pela criação da Internet, que se mostra uma ferramenta importante na criação e divulgação de Literatura. A Internet vem se revelando, ao longo do tempo, indispensável, seja ela como forma de comunicação: por *e-mail*, por bate papo; por lazer: assistindo filmes, jogos; ou para trabalho e estudos.

A Internet possibilita várias plataformas de utilização por intermédio dos computadores, notebook, Kindle, tablets e smartphone. São muitas as formas de acesso, o que torna seu potencial de utilização foco a ser analisado no âmbito da Literatura e dos livros digitais. O que antes era produzido pela máquina de escrever, toma asas pelo teclado de um computador ou pela tecla de um celular alcançando o mundo em questões de segundos.

No presente estudo, abordaremos os aspectos principais da Literatura neste contexto digital. É evidente que o livro impresso e o livro eletrônico possuem uma valoração cultural diferente entre si, o que buscaremos analisar ao longo da pesquisa. Não podemos desconsiderar, também, este potencial tecnológico como uma plataforma para a educação e o ensino, através do advento de computadores, Kindle, tablets e smartphone.

No capítulo 1, aborda-se o contexto histórico da Internet no mundo e no Brasil, o conceito do espaço virtual, bem como a revolução da escrita, o que possibilitará uma maior compreensão desta nova tecnologia como aporte ao livro e a Literatura. Aspectos importantes também serão analisados pela obra de Sérgio Luiz Prado Bellei *O livro, a Literatura e o Computador 2002*, que traz informações importantes para o entendimento do tema aqui proposto.

No capítulo 2, são apresentados aspectos destacados da Literatura digital, o que vem sendo discutido sobre a Literatura neste ambiente, sobre o livro físico e digital, com base na obra de autores que tratam deste tema, pela própria utilização da plataforma digital da Internet. Como poderemos observar, a virtualização da escrita vem sendo desenvolvida para uma construção do ciberespaço, também conhecido como espaço virtual.

O texto impresso sofre transformações no ambiente virtual, influenciando na forma como a leitura é feita. O texto virtual abre, ainda, a possibilidade de o leitor tornar-se independente na sequência de sua leitura, visto que, a exemplo do hipertexto, exige a interação do leitor por meio de escolhas realizadas durante a leitura que podem levar a resultados diferentes a cada leitura do mesmo texto.

No capítulo 3, por fim, buscamos verificar as transformações destas novas ferramentas tecnológicas e sua recepção, tanto para o autor quanto o leitor, que possibilitam a utilização da Internet como meio de virtualizar o texto. Serão tratados, também, neste capítulo final, alguns pontos relacionados no que diz respeito ao potencial pedagógico e ao mercado de livros impressos e digitais.

A partir dessa pesquisa bibliográfica, espera-se analisar aspectos relevantes no texto digital e seus leitores, e que possam servir como uma janela para estudos futuros sobre o tema. O presente trabalho não busca ser um fim aos debates, mas sim, um complemento, assim como a tecnologia vem se aprimorando a cada dia, novas possibilidades são criadas a cada momento, novas ferramentas são desenvolvidas refletindo a forma como vemos o mundo. Buscamos refletir o que foi a História para podermos compreender melhor nosso futuro, e o livro estará lá.

2 A INTERNET E O VIRTUAL

O capítulo inicia buscando compreender os fatores históricos que contribuíram para o surgimento da Internet, plataforma que abriu um campo de possibilidades antes inimagináveis. Para termos uma compreensão melhor dos acontecimentos atuais, mostra-se necessário entender como iniciou esta revolução tecnológica.

2.1 História da Internet

No período da Guerra Fria a União Soviética, conforme explica Loureiro (2018), do site professor Loureiro, no dia 4 de outubro de 1957, impulsionada pela corrida tecnológica entre ela e EUA, coloca em órbita o primeiro satélite artificial da história da humanidade, chamado de Sputnik, que emitia sinais de rádio captados na terra por qualquer pessoa do planeta que possuísse um rádio.

Os EUA, em reação a esses movimentos da URSS, por seu presidente em exercício Eisenhower, no mesmo mês do lançamento do satélite, cria a ARPA (*Advanced Research Project Agency*), com o objetivo inicial de efetuar pesquisas e desenvolver avanços tecnológicos na área aeroespacial, principalmente no setor de satélites (LOUREIRO, 2018).

Em 1958 a NASA é criada, com isso a agência ARPA acabou perdendo em parte sua razão de existir, tendo em vista o surgimento de um órgão politicamente mais poderoso e com maior orçamento. Desta forma, a ARPA teve que alterar o foco de suas atividades. Em 1961, quando a Universidade da Califórnia (UCLA) recebe da Força Aérea Americana (USAF) um gigantesco computador da IBM (*International Business Machines*), chamado de Q-32, mudanças começaram a acontecer (LOUREIRO, 2018).

Surge, então, o ramo do conhecimento chamado de Informática, liderado pelo pesquisador Joseph Licklider, psicólogo e especialista em computadores, que inicia o processo de desenvolvimento de uma linguagem de trocas de informações em lotes (pacotes) de dados, e de uma rede de computadores que se comunicavam entre si, sem necessitar de um computador central (LOUREIRO, 2018).

O conceito da Rede Mundial (*Galactic Network*), começou a ser discutido em 1962, com a ideia de vários computadores que se interligavam entre si ao redor do mundo que possibilitariam aos usuários terem acesso a arquivos e programas de forma mais rápida (LOUREIRO, 2018).

Com a Guerra Fria, surge um novo paradigma na forma como eram armazenadas e distribuídas as informações. Um dos maiores medos dos militares americanos era um ataque ao Pentágono, que comprometeria as trocas de informações essenciais para a segurança nacional, já que todas as comunicações entre computadores eram feitas através de um computador central; por isso, a importância de ser criada uma rede de acesso às informações descentralizada, evitando, assim, possíveis perdas de informações e dados em um eventual ataque soviético (LOUREIRO, 2018).

A rede ARPANET é criada, funcionando através de um sistema que consistia em chaveamento de pacotes, onde a transferência de um conjunto de dados era transmitida em pequenos pacotes, linguagem essa já criada por Licklider (LOUREIRO, 2018).

Quando as tensões entre EUA e a URSS já eram bem menores em meados da década de 1970, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos permitiu que cientistas que trabalhavam com pesquisas na área de defesa, em suas respectivas universidades, pudessem acessar a DARPANET (LOUREIRO, 2018).

O sistema DARPANET não suportou o tamanho do volume de utilização e solicitações de novas conexões surgiram, fazendo com que no início dos anos 80 houvesse uma divisão de todo o sistema em dois grupos: o MILNET, que gerenciava as localidades militares e a ARPANET, que ficaria responsável por assuntos não militares (LOUREIRO, 2018).

O aperfeiçoamento da rede ocorre rapidamente, com um ambiente de criação livre, sendo utilizado por professores e alunos não relacionados ao desenvolvimento de Defesa. Os acessos passam a ser disponibilizados para pessoas que não faziam parte desses grupos (LOUREIRO, 2018).

A DARPANET passou a ser acessada por cientistas de pesquisas da área de defesa após diminuir a tensão entre os EUA e URSS, que com o grande volume de utilização acabou dividindo o sistema, ficando um só militar e outro de criação livre, possibilitando o crescimento da rede (LOUREIRO, 2018).

A ARPANET, no ano de 1990, é substituída pela rede da NSF (*National Science Foundation*), rebatizada de NSFNET, que se popularizou em todo mundo como Internet (LOUREIRO, 2018).

Para que a expansão do uso da Internet no mundo fosse possível foi essencial a criação da “www” (*World Wide Web*), desenvolvida em março de 1989; os endereços dos sites

conhecidos por (*http.*), dos navegadores (*Web Browser*), a linguagem de criação de sites HTML (*HyperText Markup Language*), criada em outubro de 1990 e pela CERN (*Centre Européen pour la Recherche Nucléaire*) por dois engenheiros chamados Robert Cailliau e Tim Berners-Lee (LOUREIRO, 2018).

O Navegador LYNX foi o primeiro utilizado, que transmitia apenas texto, sendo seguido pelo MOSAIC; este já permitia a transmissão de texto e imagens, e deste último derivaram o Netscape e o popular Internet Explorer (LOUREIRO, 2018).

A tecnologia “*www*” tem uma utilização mais ampla a partir de 1991, após uma decisão histórica da CERN de não cobrar *royalties* pela sua criação, fazendo com que o acesso à Internet no mundo tivesse um grande salto (LOUREIRO, 2018).

Na década de 90, a internet começa a se popularizar, favorecida, principalmente, pela criação dos navegadores e de suas linguagens de programação. Mas o que facilitou ainda mais a sua expansão acabou sendo a decisão do Centro Europeu para a Investigação Nuclear (CERN) de não cobrar *royalties*, possibilitando assim um maior acesso à internet.

Já a internet no Brasil tem início em 1991 com a Rede Nacional de Pesquisa, através de um grupo de trabalho acadêmico relacionado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, que representa a espinha dorsal da Internet nacional, sendo a via primária de todos os acessos à rede até hoje (LOUREIRO, 2018).

O Ministério da Ciência e Tecnologia permitiu a exploração privada ao acesso à Internet apenas no ano de 1995, inicialmente pelos grandes polos econômicos e, posteriormente, em outras localidades (LOUREIRO, 2018).

2.2 Conceito de Internet

A internet é um imenso sistema de redes “*gateways*” e de computadores interligados entre si a um nível mundial, trabalhando como emissores e receptores de informações e se utilizando de um conjunto de protocolos de comunicação denominados TCP/IP, que possibilita a troca de informações de forma fácil e rápida. Há várias formas de se efetuar essas ligações: incluem rádio, linhas telefônicas, linhas digitais, satélites, fibra-ótica, etc. (NUNES, 2018).

A Internet é composta em seu centro, por uma “espinha dorsal” de linhas de comunicações de dados entre os nós principais ou computadores *host*, compostos por milhares de sistemas de computadores. Sendo que, um ou mais desses nós podem parar de funcionar

sem que isso faça com que a Internet pare de funcionar de modo geral, já que não é controlada por nenhum computador ou rede individualmente (NUNES, 2018).

2.3 Plataforma do Espaço Virtual

Carvalho (2014, p. 47) pontua: “A criação da internet transformou a sociedade com o surgimento do espaço virtual, constituindo um verdadeiro instrumento para o exercício da cidadania”. O espaço virtual é a concepção contemporânea de cidadania, indagando como esse espaço promove o exercício dos direitos de cidadania, e que podemos conceber o acesso à internet como direito fundamental.

O filósofo francês Pierre Lévy nos traz em sua obra *O que é o virtual*, alguns pontos sobre o conceito de virtual. Apesar do conceito ter uma pequena afinidade com o imaginário e o ilusório, em termos filosóficos “o virtual não se opõe ao real, mas ao atual; virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (LÉVY, 2011, p. 15).

O grande efeito da virtualização é uma alteração do modo como lidamos com o tempo, o que Lévy relata: "a sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo" (LÉVY, 2011, p. 21).

No que se refere ao computador como uma ferramenta que traz o suporte para a Literatura, o livro físico diante do universo digital Pierre Lévy descreve:

Se considerarmos o computador como uma ferramenta para produzir textos clássicos, ele será apenas um instrumento mais prático que a associação de uma máquina de escrever mecânica. [...]. Um texto impresso em papel, embora produzido por computador, não tem estatuto ontológico nem propriedade estética fundamentalmente diferente dos de um texto redigido com instrumentos do século XIX. Pode-se dizer o mesmo de uma imagem ou de um filme feitos por computador e vistos sobre suportes clássicos. Mas se considerarmos o conjunto de todos os textos (de todas as imagens) que o leitor pode divulgar automaticamente interagindo com um computador a partir de uma matriz digital, penetramos num novo universo de criação e de leitura dos signos. Considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre um suporte fixo (papel, película, fita magnética) equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade. (2011, p. 40-41)

Para Lúcia Santaella, o espaço do ciberespaço como plataforma para a literatura, pode ser definido como:

Ciberespaço será considerado como todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependendo da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. [...], o ciberespaço é o espaço que se abre

quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. [...], ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. (2004, p. 45)

As estatísticas apresentadas pela UIT em julho de 2016, demonstram que a entrada da Internet nos países desenvolvidos é de 81%, enquanto nos países em desenvolvimento este índice fica em 40% e, já nos países mais pobres, em 15%. Enquanto a banda larga móvel sobe mais nos países emergentes, a Internet fixa tem um maior avanço nos países mais ricos (ONUBR, 2018).

Importante observar que 3,7 bilhões de pessoas permanecem sem acesso à Internet no mundo, mesmo levando em conta a queda dos preços dos serviços de telecomunicações no mundo (ONUBR, 2018).

Já os dados apresentados pelo IBGE divulgam que mais da metade dos domicílios no Brasil passaram a ter acesso à internet no ano 2014, os dados mostram que 36,8 milhões de casas estavam conectadas neste ano, totalizando cerca de 95,4 Milhões de brasileiros com acesso à Internet (GOMES, 2018).

2.4 Revolução da Escrita

Na obra “A aventura do livro: do leitor ao navegador”, Roger Chartier nos traz uma visão histórica da escrita. Por volta da década de 1450 apenas era possível ser reproduzido um texto copiado à mão; já com o surgimento de uma nova técnica, a dos tipos móveis e na prensa, possibilitaram uma relação totalmente nova com a cultura escrita (CHARTIER, 1998, p. 7).

Porém, Chartier afirma que esta transformação não é tão absoluta, pois um livro manuscrito dos séculos XIV e XV e um livro pós-Gutenberg possuem as mesmas estruturas fundamentais as do códex (CHARTIER, 1998, p. 7).

Havia uma continuidade entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso muito forte, mesmo que por muito tempo se acreditava em uma ruptura total entre ambas, como explica Chartier:

Com Gutenberg, a prensa, os tipógrafos, a oficina, todo um mundo antigo teria desaparecido bruscamente. Na realidade, o escrito copiado à mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg, até o século XVIII, e mesmo o XIX. Para os textos proibidos, cuja existência devia permanecer secreta, a cópia manuscrita continuava sendo a regra. [...] persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a

familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos “mecânicas” e nas práticas do comércio. (1998, p. 9)

Chartier afirma: que “o ponto fundamental, aqui, é a forte continuidade entre a arte do texto manuscrito, a caligrafia, e o caractere impresso” (CHARTIER, 1998, p. 10).

No contexto atual de uma plataforma digital, o texto exposto a uma tela eletrônica acaba por criar uma distribuição, organização e uma estruturação diferente aos leitores de livros anterior a esta nova tecnologia, tanto em manuscritos quanto impressos, onde estão presentes uma estruturação composta em cadernos, folhas e páginas. Com isso, ocorre uma revolução nas estruturas deste novo suporte, sobretudo na sua forma de ler um texto (CHARTIER, 1998, p. 12-13).

O que podemos observar é que ocorre um distanciamento na forma como se lê e escreve um texto nesta nova plataforma, ato este menos corporal se comparamos ao tempo em que se escrevia com uma pena, onde a essência da grafia do autor era transmitida ao papel, refletindo seus gestos corporais. Chartier afirma que quando se escreve um texto por meio de um teclado acaba provocando um afastamento entre o autor e seu texto, que já podia ser observado no uso da máquina de escrever, mas com o seu uso em um ambiente virtual foi ampliado (CHARTIER, 1998, p. 16).

3 O LIVRO E A LITERATURA

Serão abordados agora alguns aspectos que se destacam quando falamos em um texto que transita entre estes dois universos, o da sua materialidade do livro e suas novas possibilidades trazidas pelo suporte digital, que é abordado no capítulo anterior e que abre um campo de possibilidade tanto para Literatura, como para outras formas de conhecimento até então inimagináveis. Como se trata de um tema muito amplo e de muitos debates, buscamos verificar alguns pontos que se sobressaem neste universo de conhecimentos.

3.1 Significado Cultural do Livro

O livro revela o que há de mais nobre e elevado do homem em sua cultura; o livro possui características de sagrado, um objeto enfeitado pela própria manifestação de essência humana. Para Sérgio Luiz Prado Bellei, o livro tem como seu verdadeiro significado o local onde está presente tudo o que de melhor foi feito, tanto nas artes como nas ciências humanas (BELLEI, 2002, p. 12).

O livro é um objeto simbólico, uma instituição e uma tecnologia favorecida pela cultura pós-Gutenberg que possibilitou o armazenamento e a circulação praticamente de todo o conhecimento considerado relevante da humanidade (BELLEI, 2002, p. 13).

A experiência da leitura é algo importante, não apenas porque nos transmite uma mensagem ou sentido, mas porque produz um estado de espírito em que o ser se percebe como tal e possibilita constituir a sua identidade (BELLEI, 2002, p. 22).

Como resultado destas novas tecnologias pós-modernas, há uma percepção de decadência cultural, onde existe uma dispersão maior de sentidos, que acaba gerando efeitos negativos na subjetividade humana, que se vê agora destituída de uma capacidade perceptiva do seu próprio ser, resultando em uma incapacidade de compreensão tanto da história quanto da própria formação de ética pessoal (BELLEI, 2002, p. 25).

Bellei faz um comentário interessante ao aspecto do livro físico, apenas como forma de reflexão, onde, ao imprimir e comprimir seu sentido em uma forma lógica e linear, acaba tornando-se também uma forma de oprimir, pois o significado de impressão e imprensa, também são necessariamente de opressão (BELLEI, 2002, p. 26).

Observa-se que o advento da Internet, dos computadores e do hipertexto, que será tratado nos próximos capítulos, tornou possível, pela primeira vez desde a invenção de Gutenberg, poder se questionar a linearidade do texto em seu formato impresso, se utilizando de uma tecnologia alternativa de produção textual (BELLEI, 2002, p. 27).

3.2 Literatura e o Computador

O computador pode afetar o livro de duas formas distintas, uma sem muitas consequências e outra de forma mais radical. Poderia, inicialmente, ser simplesmente reproduzidos os livros impressos no meio eletrônico, o que por si só não haveria razão para se preocupar com o futuro do livro, pois esse traria benefícios de menor espaço para armazenar e facilidade de acesso, não trazendo prejuízos para o leitor (BELLEI, 2002, p. 29).

O outro ponto seria referente aos editores, donos de livrarias e questões relacionadas aos direitos autorais, que teriam razões para se preocupar com a possibilidade de um acesso gratuito de textos armazenados e visualizados através de uma tela, podendo acabar diminuindo a procura pela obra em livro físico nas livrarias. Mas o que o computador pode favorecer: não apenas a sua publicação, mas principalmente modificá-lo radicalmente pela utilização do hipertexto, que para Bellei se torna algo mais sério e mostra uma preocupação com o futuro do livro (BELLEI, 2002, p. 29).

Este universo digital reduz bastante os custos de produção das obras físicas, o que poderia ser revertido para o autor da obra. Muitos debates existem relacionados a este tema editorial, mas que causam ainda bastante divergências, não sendo um ponto específico que se busca analisar neste trabalho.

Neste contexto de criação de obras literárias, e na transição do mundo material ao digital, onde os autores de literatura foram sempre os primeiros a se utilizar de novos suportes como forma de inovar, podemos observar no pensamento de Roger Chartier um olhar sobre este novo autor, imerso ao meio eletrônico:

Talvez os autores da era multimídia, um pouco como o autor de teatro, sejam governados, não mais pela tirania das formas do objeto-livro tradicional, mas, no próprio processo da criação, pela pluralidade das formas de apresentação do texto permitida pelo suporte eletrônico. [...]. Talvez, nos séculos XXI e XXII, os autores possam ser classificados em função de sua maior ou menor acuidade e agilidade na percepção e manejo das novas possibilidades abertas pelas técnicas multimídia. (1998, p. 72)

Podemos compreender melhor a questão da mera transferência do meio impresso para o digital, quando observamos a tentativa de se construir bibliotecas eletrônicas no modelo do Projeto Gutenberg, idealizado por Michael Hart (BELLEI, 2002, p. 29).

Bellei ressalta que Hart, quando aluno universitário, trabalhava no Laboratório de Pesquisas de Materiais na Universidade de Illinois, já via o potencial que o computador possuía para o conhecimento literário, na forma como poderia armazenar e reproduzir este material, motivado por um idealismo democrático. Já no início da década de 70 iniciou a transferência de uma seleção de textos para o mundo digital, que com o avanço tecnológico tornava cada vez mais fácil sua transferência, possibilitados pela utilização de disquetes, cd-roms e scanners. As suas vantagens foram logo evidenciadas com o surgimento da internet, tornando possível a distribuição de conhecimento e de informação de forma imediata, ampla e com um custo relativamente baixo, podendo chegar além das culturas dominantes pelo acesso aos textos eletrônicos, mesmo em áreas periféricas com o mínimo de tecnologia (BELLEI, 2002, p. 30).

Hart optou por três categorias em especial da imensa quantidade de livros que existem. As escolhas foram feitas principalmente nos livros de interesse geral de informação, sendo elas: os textos de referências, a literatura popular e a literatura clássica. Inicialmente, foram transferidas a Bíblia, a obra de Shakespeare, a Carta dos Direitos Humanos e a Constituição Americana (BELLEI, 2002, p. 31).

Para Roger Chartier a facilidade dos textos eletrônicos torna imaginável, senão possível a biblioteca universal, onde em um único lugar possa estar reunido todos os livros (1998, p. 117).

A exemplo da atualidade, a Biblioteca do Congresso, que está localizada nos Estados Unidos, em Washington D.C, possui um acervo de mais de 155 milhões de itens, sendo a maior biblioteca do mundo contando com: “livros, manuscritos, jornais, revistas, mapas, vídeos e gravações de áudio”. Criada em 1800, tem o nome de *Thomas Jefferson Building*, e foi aberta ao público em 1897, e é a sede oficial de pesquisas do Congresso dos EUA (MOIÓLI, 2018).

No que se refere à biblioteca digital no Brasil, que pode ser acessada de qualquer dispositivo ligado à Internet possibilitando o acesso às obras Literárias, tanto brasileiras como as estrangeiras, que antes se resumiam apenas as estantes das bibliotecas físicas, pode-se notar algumas instituições que acabam fazendo esforços para poder alimentar esta rede com obras literárias de forma gratuita a toda a população. Podemos citar como exemplo, o Ministério da Educação, com o site Domínio Público¹ e o projeto que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que criou o site Literatura Digital² que realiza a digitalização de importantes obras da Literatura para que possam ser utilizadas através da Internet. Atualmente a página da Literatura Digital da UFSC, conta com cerca de 76.748 obras, 19.587 autores cadastrados e 6.180 arquivos digitalizados, todos estes arquivos disponíveis gratuitamente.

Bellei afirma que a criação e utilização das bibliotecas virtuais pode, cada vez mais, se tornar uma necessidade, tendo em vista o grande crescimento de conhecimento e obras produzidas neste período de tecnologias, levando-se em consideração que as bibliotecas, onde estão armazenadas as obras da Literatura impressa são afetadas pelas condições do local e podem acabar afetando as obras, sendo necessárias manutenções e atualizações necessárias para que os livros não se deteriorem e se perca um acervo importante. Já a biblioteca digital não passa pelas mesmas condições que a física, pois seu tratamento é diferenciado, tanto no manuseio como no acesso, e seu espaço para armazenamento, se comparado com o local físico, seria irrisório, o que demonstra certa relevância em ser estudada (BELLEI, 2002, p. 36).

¹ <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

² <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>

3.3 Fim do Livro Físico

A transferência de obras físicas para o universo digital, textos digitalizados ou a própria criação de hipertextos podem ser percebidas como uma ameaça ao livro tradicional. Referente a esta preocupação de ameaça ao livro físico, Sérgio Luiz Prado Bellei exemplifica:

Trata-se, no romance de Victor Hugo, *Notre-Dame de Paris*, da frase pronunciada por um clérigo que, ao abrir a janela de seu claustro, volta os olhos para a catedral parisiense e, logo a seguir, para o livro aberto sobre a mesa, e lamenta: “isto destruirá aquilo”. A frase retorna insistentemente em discussões sobre as possíveis consequências do advento do texto eletrônico para o texto impresso. Como a ação do romance ocorre no século XV, logo após a invenção da imprensa, o significado do lamento é claro: refere-se não apenas à perda da autoridade da Igreja como resultado da divulgação do livro, mas, também e principalmente, à possível perda do sentido da catedral enquanto texto cultural a ser utilizado para a transmissão do conhecimento religioso para o povo do medievo. Na época, a catedral funcionava também como biblioteca a ser lida pelo cristão comum que, não tendo acesso aos manuscritos manuseados apenas pelas elites letradas, olhava para os vitrais e deles absorvia as mensagens contidas em relatos bíblicos, os ensinamentos de vícios e virtudes, as visões do céu e da terra, os princípios morais do catolicismo e até mesmo conhecimentos de geografia. (2002, p. 37)

No romance de Hugo, ressalta Bellei: “imagina-se que a nova tecnologia do livro escrito destruiria inevitavelmente formas culturais anteriores”, e o que podemos verificar na atualidade são as mesmas fobias expressas pelo clérigo de Hugo, agora com a criação dos textos digitais e do computador diante do livro físico (BELLEI, 2002, p. 38).

Portanto, a afirmação de que uma tecnologia acaba eliminando outra não é o mais correto de se pensar, mas sim ver uma coexistência de ambas, pois cada uma delas possui suas funções específicas e diferenciadas. Complementa ainda Bellei que - “a fotografia alterou o sentido da pintura, mas não a substituiu; a televisão ocupou certos espaços do cinema, mas não todos; o correio eletrônico criou uma nova forma de comunicação, mas as agências de correios e telégrafos continuam operando” (BELLEI, 2002, p. 40).

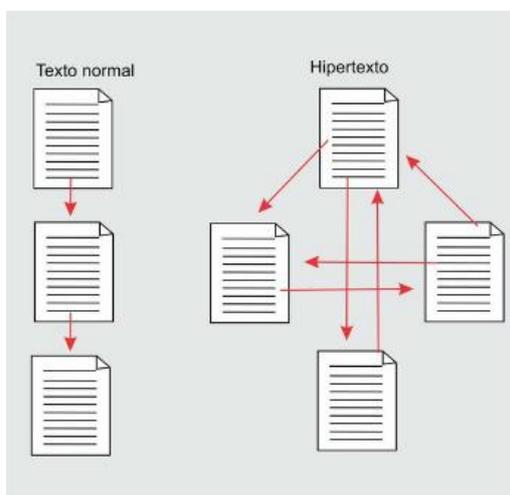
3.4 Texto e o Hipertexto

O leitor do texto no formato impresso segue uma rota prevista pelo autor, de preferência da primeira à última página, já no texto em formato de hipertexto o leitor tem a possibilidade de escolher seus próprios caminhos, tende para uma multilinearidade da leitura (BELLEI, 2002, p. 44).

O hipertexto possui uma forma estrutural diferente do livro impresso, não é uma sequência linear, que vai da página 1 até o final da obra, mas uma possibilidade que o leitor

tem de seguir uma leitura multilinear. Podemos observar na figura que se segue o princípio da conectividade estrutural do texto padrão em relação ao hipertexto:

Figura 1 – Estrutura do hipertexto



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-hipertexto/>

A forma de leitura de um texto na estrutura de hipertexto acaba permitindo uma navegação errática, onde o leitor pode perder o rumo de sua leitura e acabar esquecendo do início dela, assim como ocorre quando estamos diante da Internet, através de seus muitos *links* de conexões que permite uma perda de direção se não estiver focado em suas buscas (BELLEI, 2002, p. 46).

Na estrutura do hipertexto, esta conexão acaba por alterar o comportamento, tanto do leitor quanto do autor na forma tradicional dos livros impressos, onde o autor busca de certa forma controlar o roteiro de leitura do leitor (BELLEI, 2002, p. 47).

Existe, porém, questionamentos na forma como a leitura é afetada por esta nova tecnologia, através do espaço digital, que possibilita novos olhares ao livro e ao texto, assim como na utilização de textos em formato de hipertexto ou pela já consagrada tradição impressa de livros. Sérgio Luiz Prado Bellei explica:

Toda leitura, mesmo do texto impresso, é uma reconstrução de sentido, em que cada leitor tem uma certa liberdade de escolher caminhos, definir ênfases, optar por certos sentidos em relação a outros, tudo isso de forma a atender preferências ideológicas, pessoais [...]. Toda leitura, seja ela textual ou hipertextual, implica descoberta ou invenção de roteiros. A diferença é que o hipertexto, sendo estruturalmente um banco de dados dispersos, em que cada unidade de sentido já vem marcada para a conexão com outras unidades, torna natural e explícito o convite para a navegação aos saltos, que é normalmente reprimida no texto impresso. [...], o leitor normal de um

texto impresso é, geralmente, solicitado a ler o livro de cabo a rabo. (2002, p. 48)

O hipertexto nos leva a pensar palavras em diferentes estruturas textuais fortalecidas pela evolução digital. Lúcia Santaella traz esta abordagem do hipertexto e hipermídia, que para alguns autores são tratados como sinônimo:

A hipermídia mescla textos, imagens fixas e animadas, vídeos, sons, ruídos em um todo complexo. É a mescla de vários setores tecnológicos e várias mídias anteriormente separadas e agora convergentes em um único aparelho, o computador, que é comumente referida como convergência das mídias. (2004, p. 48)

Bellei complementa, ainda, que a escrita eletrônica, em suas conexões múltiplas entre blocos de significado, que no meio impresso está reprimida, constitui o elemento dominante, pois a tecnologia digital torna o princípio de conectividade algo natural, desimpedido e sem problemas de tempo e distância (BELLEI, 2002, p. 50).

Na visão de Roger Chartier, é a primeira vez em que o mesmo suporte possibilite o texto, a imagem e o som serem conservados e transmitidos. Neste contexto, a realidade do mundo poder ser apreendida por meio de diferentes figuras, suas representações e descrições ou de sua presença (CHARTIER, 1998, p. 134).

3.5 Criação Poético-Digital

Alckmar Luiz dos Santos, poeta e professor, nos dá um panorama da poesia digital no Brasil. Uma nova porta se abre à poesia, uma porta tecnológica não apenas desenvolvida de técnicas de escritas, mas de ferramentas no processo de desenvolvimento que são possibilitadas para a poesia digital (SANTOS, 2010, p. 1).

Na criação de poesia digital no Brasil, é importante novos paradigmas, tendo em vista que possuímos uma dependência de inovação e de tecnologia de países mais desenvolvidos, pois a importação destes produtos e processos tecnológicos novos, não tendo a necessidade de passar por todas as etapas e sequências que a elaboração requer, quase sempre é mais fácil (SANTOS, 2010, p. 1).

Pode-se traçar um caminho da poética digital que vai das tecnologias às técnicas da criação literária. Um poeta que assimilou criativamente novos paradigmas foi o baiano Gregório de Matos, sem se submeter a literatura contemporânea de sua época, sobre tudo do Século de Ouro Espanhol. Sua postura buscava adquirir novos conceitos intelectuais em vista de uma submissão a um padrão literário europeu (SANTOS, 2010, p. 2).

A utilização de novas tecnologias na criação literária, assim como ocorrida com Gregório de Matos, não se trata de uma assimilação imediata desta tecnologia, mas sim, por analisar novos paradigmas, novos olhares na lógica de sua utilização e produção. Assim, da tecnologia digital à técnica literária, não há um sentido único, possibilitando o que Santos menciona: “reverter o sentido dessa equação, indo então das técnicas artísticas às tecnologias”, e o mais importante, poder escapar das imposições econômicas de países mais desenvolvidos e suas dominações culturais por meio das tecnologias na criação literária (SANTOS, 2010, p. 2).

O Brasil, pela sua posição periférica, revela Santos, facilitaria a incorporação crítica destas tecnologias à criação literária, pois a condição de produção do texto poético pode e deve determinar o sentido do instrumento e não o contrário e, sobretudo, a produção poética não deve determinar seu sentido em razão de fatores técnico-econômicos (SANTOS, 2010, p. 2-3).

A poesia, como forma literária digital, tem à sua disposição novos meios tecnológicos, e, para entender melhor sua criação neste ambiente no Brasil, Alckmar Luiz dos Santos nos traz um contexto histórico importante da literatura no século XX, a saber:

[...] ela significou justamente de renovação da linguagem literária, sobretudo a poética, a partir de inovações em processos e produtos culturais inicialmente estranhos à própria literatura. Estou pensando nas distintas correntes poéticas experimentais que apareceram a partir dos anos 1950 e que foram mais ou menos, quase todas, colocadas à sombra ou sob a égide do Concretismo. Neste momento, pode-se mesmo falar de uma tradição literária brasileira de poesia experimental que oscila, nos últimos cinquenta anos, entre uma poética fundada nas formas tradicionais do texto impresso e a incorporação - ou reincorporação, se levamos em consideração a criação visual ibérica nos séculos XVII e XVIII - de elementos gráficos e imagéticos ao espaço de criação literária. (SANTOS, 2010, p. 3)

Antes mesmo de falar da criação de poemas digitais, não se pode deixar de mencionar o concretismo, que trouxe questões fundamentais para analisar seus elementos de dificuldades, tanto na parte de criação, sua leitura, assim como a tentativa da participação do leitor na produção dos significados e na associação de outras linguagens, em especial a visual (SANTOS, 2010, p. 3).

Nas Palavras de Alckmar: “nem sempre a utilização direta e irrefletida de uma inovação é garantia de renovação”. Apesar dos problemas que esta tecnologia possa ter, havendo uma intenção verdadeira para o avanço na criação da literatura digital que possa renovar o campo literário e que sua utilização não seja apenas um deslumbramento por uma tecnologia nova, seriam estas ações positivas (SANTOS, 2010, p. 5).

4 TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

Aqui será tratado, como é a recepção do autor e leitor, o perfil destes novos leitores diante desta nova ferramenta do texto digital e quais aspectos se destacam diante do texto impresso. Também serão observados pontos do seu potencial pedagógico e de mercado que possam acrescentar reflexões ao tema proposto por este trabalho.

4.1 Autor, Leitor e a Nova Textualidade

A escrita digital é possibilitada por conexões entre blocos de significados interligados em um grande banco de dados, conforme Bellei relata: “constitui uma nova forma de textualidade que altera significativamente o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor” (BELLEI, 2002, p. 68).

O próprio conceito de leitor e escritor foi favorecido pelo surgimento da escrita, que trouxe mudanças culturais significativas. Já o que ocorre com a escrita digital, é um consumo e uma produção diferenciada do texto impresso (BELLEI, 2002, p. 69).

Assim como esta mudança de paradigma relatada anteriormente, a própria mudança do texto físico para o texto digital não poderia deixar de produzir um tipo novo de autor e leitor, e a forma como eles se relacionam (BELLEI, 2002, p. 70).

Esta universalidade e interatividade, que são alcançadas com o texto eletrônico, e suas relações entre autor e leitor são relatadas por Chartier, que diz:

O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico. (1998, p. 134)

O leitor e autor podem ser vistos como colaboradores que participam em conjunto por meio do computador para dar um sentido alternativo ao texto, pois a própria página impressa nada mais é do que Bellei afirma ser “um conjunto incompleto de sinais e indicações a partir dos quais o leitor fabrica sentidos” (BELLEI, 2002, p. 71).

Sérgio Luiz Prado Bellei apresenta as diferenças fundamentais entre o texto digital e um texto tradicional impresso, sendo elas basicamente que o primeiro está como um banco de dados de ampla conectividade; o segundo como uma narrativa predominantemente linear (BELLEI, 2002, p. 72).

O leitor digital tem a sua disposição um número muito grande de conexões de outras unidades de sentido, assim demonstrado por Bellei: “outras páginas, notas explicativas,

informações históricas, tópicos de interesse paralelo, informações comerciais”. Esse novo leitor, porém, tem sua atenção mais dispersa se comparado ao leitor do livro impresso, que possui uma concentração de atenção para o sentido da obra física. Vale ressaltar que esta atenção dispersa pode dar um sentido negativo ou pejorativo, mas é preciso ter cautela ao se fazer tal afirmação (BELLEI, 2002, p. 73).

Bellei comenta que, apesar de ser possível encontrar diversos textos da literatura brasileira que estão disponíveis em formato digital, a iniciativa de transformar estes textos no formato de hipertextos ainda é bastante limitada (BELLEI, 2002, p. 74).

A leitura do livro digital, seja ela sequencial como em uma obra física ou se utilizando do hipertexto, não busca acabar com a tradição do livro impresso, mas sim uma complementação de suas experiências. É importante salientar que novas tecnologias não exigem necessariamente a destruição de hábitos consolidados, por isso, Sérgio Luiz Prado Bellei cita em sua obra (2002, p. 80), o valioso testemunho de Umberto Eco, que foi publicado em 1996:

Depois de passar mais de doze horas na frente de um computador, meus olhos parecem duas bolas de tênis. Sinto, então, a necessidade de me sentar confortavelmente em um sofá e ler um jornal, talvez até um bom poema. Creio que os computadores estão difundindo uma nova forma de leitura, mas são incapazes de satisfazer todas as necessidades intelectuais que estimulam. Em meus momentos de otimismo, sonho com novas gerações que, embora habituadas ao computador e forçadas a ler diante de monitores, sentem-se em certas horas insatisfeitas e tentam experimentar uma outra forma de leitura, mais descontraída e com objetivos diversos. (Umberto Eco 1996, p. 3)

Como vimos, a literatura possui em suas mãos uma poderosa ferramenta que possibilita a transmissão e a produção que transpassam fronteiras antes impensáveis. Deve ser vista como complementos e não como uma se sobrepondo sobre outra.

4.2 Perfil do Leitor e Sua Recepção

Mudanças no comportamento da prática de leitura podem ser notadas a partir do século XVIII, com uma maior liberdade na leitura, possibilitando ao leitor um comportamento mais livre e variado. Levando-se em consideração as imagens que representam este período, vê-se um leitor mais cercado pela natureza, lendo enquanto caminha, até mesmo deitado em suas camas, o que não era um hábito praticado anteriormente ao século XVIII, que se restringia a locais privados e imóveis (CHARTIER, 1998, p. 78-79).

Chartier explica, ainda, que os leitores dos códex, no início da era cristã, tiveram que se desligar da tradição do livro em rolo, e que esta adaptação não foi fácil. O mesmo ocorre em uma parte da Europa no século XVII, com a adaptação mais efervescente e efêmera do livro impresso. Estes leitores se viam diante de um objeto novo, permitindo-lhes nova forma de pensar. Ao mesmo tempo, impunha-se o domínio de uma nova forma de técnicas de escrita e leituras inéditas (CHARTIER, 1998, p. 93).

Lúcia Santaella, em sua obra *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo 2004*, nos traz sua pesquisa histórica da evolução de nossa leitura, onde identifica três formas específicas de leitores: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo.

O *leitor contemplativo* surge a partir do século XVI, um leitor de livros impressos, por imagens fixas e uma leitura silenciosa e individual, construindo uma relação mais próxima com o livro. Referente a este primeiro leitor, Santaella relata:

[...] é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo de papel e do tecido da tela. [...]. Esse leitor não sofre, não é acossado pelas urgências do tempo. Um leitor que contempla e medita. Entre os sentidos, a visão reina soberana, complementada pelo sentido interior da imaginação. (2004, p. 24)

Já o *leitor movente*, afirma Santaella, é um leitor de fragmentos, do mundo em movimento e mais dinâmico, que busca as informações que necessita. Este leitor se torna mais acelerado e que transita em diferentes linguagens e que nasce com o surgimento do Jornal (SANTAELLA, 2004, p. 29).

Por último, o *leitor imersivo*, que surge neste ambiente do virtual, é um leitor de textos em forma de hipertextos e hiperlinks, com uma leitura mais livre e com maior liberdade de escolhas entre nós e nexos. Assim explica Lúcia Santaella:

[...] um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre as palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc. (2004, p. 33)

Estes três tipos de leitores coexistem atualmente e se faz necessário mesclar estas diferentes formas de leitura conforme a necessidade que se apresente ao leitor.

Uma importante observação é feita por Bellei que diz que a leitura feita em uma tela tecnológica, mesmo que os leitores não conheçam o processo pela qual as letras e palavras se fazem aparecer neste objeto, seus aspectos técnicos, sabem intuitivamente que não estão diante de um livro impresso e sentem a “transitoriedade, a efemeridade e a imaterialidade dos

sinais luminosos à sua frente”. A imaterialidade não deixa de vir acompanhada de uma certa angústia e nostalgia pelo corpo material da informação, onde o leitor tradicional habituou-se durante muito tempo à vigência do livro impresso. Em resposta a essa angústia, muitos que usam o ambiente digital ao escrever um texto, sentem uma necessidade de imprimir cópias do texto, dando materialidade ao texto mesmo antes de terminar o processo de escrita (BELLEI, 2002, p. 144).

Se esta necessidade de tornar material e dar corpo ao texto é um hábito realmente adquirido da prática de manipulação do livro físico, é provável que novas gerações de leitores, imersos desde cedo nestas novas tecnologias e com um contato menos intenso com as tecnologias anteriores não se sintam desconfortáveis com a perda do corpo físico do livro impresso (BELLEI, 2002, p. 144-145).

4.3 Potencial Pedagógico

Há potencial nos textos digitais e nos hipertextos e prometem trazer para educação uma grande revolução na sua forma de ensino (BELLEI, 2002, p. 28).

A escrita eletrônica no processo pedagógico demonstra um significado potencialmente revolucionário; assim Bellei explica que “educar significa ensinar a produzir coerências a partir de fontes mais ou menos dispersas de sentido (BELLEI, 2002, p. 96).

Com a possibilidade de um grande número de livros em banco de dados digitais e a facilidade de acesso desta nova tecnologia, surgem consequências pedagógicas importantes, tanto positivas como negativas. Ao contrário do livro impresso, que é marcado por um armazenamento seletivo de informação, o meio eletrônico acaba dissolvendo hierarquias e tem consigo um efeito democratizante (BELLEI, 2002, p. 97).

Observa-se que há um excesso de informações disponíveis na rede, o que pode ser problemático para o processo educacional. Bellei menciona: uma das funções cruciais da educação neste ambiente digital seria poder trabalhar com os educandos as questões de dificuldades de navegação, assim como verificar questões relacionadas à seleção de materiais e as suas habilidades de integração de conhecimento de forma mais proveitosa (BELLEI, 2002, p. 98).

É importante observar que atualmente, quando se busca uma informação, seja uma obra literária em acervos digitais, ou outras matérias do conhecimento, a Internet se torna cada vez mais uma ferramenta de pesquisas iniciais. Este novo hábito não é difícil de entender, pois para se deslocar à uma biblioteca física ou até mesmo à uma livraria, estão limitadas ao horário de funcionamento, o que não ocorre no mundo virtual, pois seu acesso

pode ser feito a qualquer hora e em qualquer lugar, até mesmo pela tela de um celular conectado à Internet (BELLEI, 2002, p. 99).

Sérgio Luiz Prado Bellei afirma, ainda, que a biblioteca de material impresso possui uma natureza mais seletiva, mais canônica, autoritária e menos democrática, uma vez que estabelece uma inclusão e exclusão de materiais que deve ou não ser lido, limitando as opções de leitura do leitor. A internet por sua vez, amplia quase que ilimitadamente esta opção o que traz consigo uma imensa dificuldade de escolha responsável, e no âmbito pedagógico o desafio é muito maior (BELLEI, 2002, p. 100).

O potencial democratizante que a internet traz não exclui práticas intensas de imperialismos culturais, que podem ser mais perigosas e difíceis de perceber, e afirma ainda Bellei que:

A informação libertou-se, aparentemente, de seu passado elitista e nivelou classes sociais anteriormente separadas por possibilidades diversas de acesso ao saber. Não há dúvida de que o mito (como todo mito) tem um fundo de verdade: mais pessoas, hoje, têm acesso a mais produção e consumo de conhecimentos do que, digamos, em 1993 (ano em que a Internet tornou-se amplamente acessível). (2002, p. 101)

Como podemos observar, a educação possui em suas mãos uma poderosa ferramenta, que, entretanto, pode ser usada tanto para informar quanto para desinformar. Basta uma intenção verdadeira de bons professores munidos de técnicas e meios didático através de uma tecnologia que está cada vez mais presente na realidade de muitos jovens que estão chegando neste momento já imersos nas tecnologias, para facilitar o ensino e cada vez mais melhorar a educação deste país.

4.4 O Mercado Atual

No contexto histórico, Chartier revela que a multiplicação dos livros foi garantida inicialmente pela invenção de Gutenberg; posteriormente, no século XIX, a atividade gráfica industrializada, e no século XX a multiplicação das tiragens possibilitada pelos livros de bolso (CHARTIER, 1998, p. 110).

No que se refere ao universo atual de livros impressos e digitais, podemos pegar como exemplo a empresa *-Amazon-* disponibiliza um catálogo grande de títulos.

Em contato com a *-Amazon-* do Brasil, por intermédio de seu setor de imprensa, no dia 18 de junho de 2018, a empresa forneceu informações de seu catálogo de vendas de livros impressos e digitais (LIMA, 2018).

Os textos digitais da Loja *Kindle* no Brasil subiram de 13 mil títulos em português quando foi lançado em 2012, para um total de 5 milhões de eBooks, sendo destes, mais de 135 mil títulos em português.

Referente aos livros impressos, consta um catalogo de 13 milhões de livros que incluem produtos vendidos diretamente pela *-Amazon-* do Brasil e por vendedores do Marketplace.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi motivado, inicialmente, pela pesquisa de como o livro físico e o advento do livro digital se relacionam, tanto na sua criação como pela sua leitura, verificando aspectos que se destacam, pois é inegável que as tecnologias, em especial a da Internet e do texto digital, então cada vez mais presentes em nossas vidas. Não há praticamente nenhum setor da vida humana que não esteja sendo mediado por estas tecnologias digitais: o setor econômico, educacional, o comércio e área da saúde entre outros.

Nas últimas décadas, o computador teve um grande salto tecnológico se comparado as tecnologias anteriores a esta, o que favoreceu artistas e escritores a explorarem estas novas possibilidades de transformações trazidas pelo computador e pela Internet. Porém, como toda tecnologia nova causa certa estranheza inicial, alguns autores são relutantes ao novo, dando importâncias diferentes às produções neste ambiente, em relação às obras tradicionais impressas e já consagradas há tempos.

A arte literária tem como seu suporte consagrado o livro impresso. O computador e a Internet chegam abrindo portas à já consagrada arte, assim como um novo espaço de possibilidades e de expressões para a literatura. A literatura transmitida para o universo digital ou mesmo a criada a partir desta vem se mostrando um lugar de novas experiências literárias, mas o que este trabalho não quer colocar como hipótese é o fim do livro físico com a chegada desta nova ferramenta.

Uma reflexão sobre a obra física em relação ao digital seria a possibilidade de uma diminuição no número de livros impressos, assim como ocorreu com o disco de vinil com o aparecimento dos discos em formato de CD. Apesar desta nova tecnologia trazer melhorias ao universo musical, muitos amantes da música fazem questão de ter um disco em vinil, que continuam a ser comercializados. Outro aspecto importante que devemos levar em consideração está ligado ao meio ambiente, o número de livros impressos depende do desmatamento, sejam eles ecológicos ou não.

Com o surgimento da rede, além da literatura ter a necessidade de se adaptar ao virtual, também o leitor precisou fazer adaptações no comportamento diante das leituras e pesquisas nesta plataforma. A obra digital acabou incorporando novos modos de interação que, desta forma, acabaram construindo novas formas de se escrever, ler e se comunicar, mudando também o comportamento das relações aos espaços literários.

A Internet acabou trazendo uma facilidade na junção de outras formas artísticas como: a música, a pintura, o cinema, a fotografia e a própria literatura, todos em apenas um lugar. Como podemos ver é fascinante seu potencial. Porém, reafirmamos: não vemos com isso o desaparecimento dos textos impressos, como é a preocupação de alguns autores.

A influência que o livro físico possui é ainda muito forte, mesmo autores de obras digitais querem ver suas obras impressas, seguindo todas as etapas editoriais até chegar em seus leitores. Serão, talvez, gerações futuras que conseguirão ter um uso prático de modo mais original, se levarmos em consideração as dificuldades legais e financeiras que envolvem a criação digital.

O potencial das bibliotecas digitais, como os textos em hipertexto, se mostra uma revolução muito interessante, abrindo caminho para uma modernização tanto educacional quanto de conhecimento geral. Não podemos desconsiderar seu potencial para educação, onde cada vez mais jovens estão imersos nas tecnologias e acreditamos que a relutância dos professores na aceitação dos smartphones e Internet será uma briga arriscada, o que deve haver é a união destas tecnologias. Acreditamos que seja qual for a tecnologia empregada, o importante seria criar nos alunos o hábito da leitura.

O mercado também se mostra bastante aquecido pelas vendas, impressa ou digital, como demonstrado no trabalho. A empresa *Amazon.br*, de 2012 a 2018, aumentou de 13 mil para 5 milhões de livros digitais, assim como 13 milhões de livros impressos, mostrando que ambas estão crescendo. A leitura pelos *tablets*, *Kindle* e *smartphone* chegou a um patamar nunca antes visto na história. A busca pela obra digital favorece, posteriormente, a procura pela obra impressa, mostrando, assim, o aumento das duas, em vez da diminuição de uma.

Uma das maiores dificuldades do trabalho foi delimitar os temas, uma vez que o universo da Internet e do Digital, que são acessados pelo *google*, é apenas a ponta do iceberg no mundo literário. Em uma pesquisa rápida no *google*, vemos que 129.864.880 livros estão disponíveis ao redor do globo, dados de 2010, e continua crescendo. Estas dificuldades estão relacionadas também ao fato de que a literatura digital ainda não está completamente consolidada.

Com este trabalho, pretendemos acrescentar um olhar à importância deste tema aos leitores casuais, estudantes, professores, autores e interessados da área, podendo ser um complemento para pesquisas futuras, em especial como ela pode afetar o ensino de forma positiva ou negativa.

REFERÊNCIAS

- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. Editora da UFSC. 2002.
- CARVALHO, Ana Cristina Azevedo. **Marco civil da Internet no Brasil**. Rio de Janeiro (RJ): Alta Books, 2014.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.
- GOMES, Helton Simões. **Internet chega pela 1ª vez a mais de 50% das casas no Brasil, mostra IBGE**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/internet-chega-pela-1-vez-mais-de-50-das-casas-no-brasil-mostra-ibge.html>> Acesso em: 04 Abril. 2018.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. 2Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LIMA, Amanda. **Informações: Venda de livros impressos e digitais**. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/>>. Acesso em: 16 junho. 2018.
- LOUREIRO. **O Surgimento da Internet**. Disponível em: <<http://professorloureiro.com/surgimento-internet/>>. Acesso em: 02 Abril. 2018.
- MOIÓLI, Julia. **Qual a maior biblioteca do mundo?** Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/qual-a-maior-biblioteca-do-mundo/>>. Acesso em: 20 junho. 2018.
- NUNES, Paulo. **Conceito de Internet**. Disponível em: <<http://knoow.net/ciencinformatelc/informatica/internet/>>. Acesso em: 03 Abril. 2018.
- ONUBR. **UIT: 3,7 bilhões de pessoas ainda não têm acesso à Internet no mundo**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/uit-37-bilhoes-de-pessoas-ainda-nao-tem-acesso-a-internet-no-mundo/>>. Acesso em: 03 Abril. 2018.
- SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. **A criação poético-digital no Brasil**. Rumos Itaú Cultural. Disponível em: <<https://rumositaucultural.files.wordpress.com/2010/06/alckmar-dos-santos-a-criacao-poetico-digital-no-brasil1.pdf>>. Acesso em: 16 junho. 2018.